

Exílio e sintoma

Abertura de semestre do ICP-RJ



[Clique para ampliar](#)

Referência

Vieira, M. A. Exílio e sintoma. Revista Latusa, n. 25. Rio de Janeiro, 2020.

Marcus André Vieira

Resumo

É preciso estabelecer uma dialética entre a condição subjetiva, concreta e a condição estrutural. Não deixarmos de falar do exílio de cada um com relação ao Outro, ao encontro com o outro e, em um certo sentido, com relação ao próprio corpo, a si mesmo. Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que existem situações concretas de exílio, de segregação e exclusão que precisam ser pensadas também

Primeiro, gostaria também de agradecer ao Ram Mandil e dizer do prazer de estarmos juntos nesta mesa. Sua conferência é um material que temos para trabalhar por trazer o desdobramento de uma série de referências que vai servir muito ao trabalho das Jornadas da EBP-Rio e do ICP.

Gostaria de dar notícias para vocês do trabalho da comissão, que está muito vivo. O que vou falar é como estou entendendo o que estamos pensando juntos lá. Talvez eu não fale o que seja o geral da comissão, mas a maneira como estou entendendo esse trabalho prévio com o tema.

Queria ainda falar para vocês como é um prazer estar no Instituto, com os que participam do trabalho do Campo Freudiano na condição transitória de alunos e que costumam ficar conosco por muito tempo – depois, inclusive, que acabam o curso. Eles e o Instituto, nos ajudam a não perder de vista a possibilidade de que nossos conceitos se revelem em um modo introdutório e sistematizado, sem que nos afastemos dos pontos cruciais de nossa prática.

Para começar, quero comentar as indicações finais de Ram.

O retorno impossível

“Sabiá” é uma das canções mais tristes da música brasileira, ela canta o exílio como retorno impossível. Não porque “não se pode”, mas porque “já não há”. Não vamos nem compará-la com a canção do Exílio, bem mais otimista. Gonçalves Dias quer conseguir voltar antes de morrer, o retorno pode ser improvável, mas não impossível. Já Drummond desenha um retorno mais difícil. Na sua Nova Canção do Exílio, A palmeira e o sabiá estão em um *longe* que é quase um não-lugar. O longe é onde estão o sabiá e a palmeira, mas ele é de essência fora da vida. Não é o caso de Gonçalves Dias, por partir do fato que o “lá” e o “cá” existem. Drummond nos leva para uma volta ao longe como um lugar entre o lá e o cá.

Acho Chico Buarque ainda mais radical, pois não há nem o longe, não-lugar da volta, só há o “vou”. O mais marcante nessa canção, para mim, é a repetição desamparada do “Vou, voltar” seco, quase sem modulação melódica. O “vou voltar” deixa em segundo plano qualquer destino, só a reiteração do anseio. Indica o *movimento do exilado*, é o movimento que caracteriza o exilado, mais que o lugar de onde saiu ou para vai voltar. Destaca na condição do exilado, não tanto sua subordinação à relação com o território, seja o de onde ele saiu, onde ele está ou para onde ele quer ir. Mas, esse movimento do “vou voltar” que essa música traz sem parar – o verso é sobre uma palmeira que já não há, ouvir o sabiá que já não canta. Então, marca como nenhuma outra canção o impossível do retorno do exilado.

A ideia de retorno, define o exilado, mas um retorno que, de alguma maneira, é necessariamente impossível para que se seja exilado. Se for possível retornar, não é exilado, está só passando um tempo. Há que haver uma perda de origem.

Nossa condição atual de confinamento traz bem essa ideia de um retorno impossível e de uma perda na origem. Estamos nos sentindo exilados porque perdemos um Brasil e por isso estamos mergulhados no sentimento de um retorno impossível. Os que esperam o fim da pandemia tentam acreditar que o que perdemos pode voltar. Vejam como é exílio, em algum lugar já sabem que não há como voltar ao Brasil, apenas sonham que o Brasil volte a nós, mas aquele Brasil já não há. E se quiserem pensar do mesmo modo com relação ao Brasil pré-golpe, também serve.

Resta-nos “fazer com” o Brasil que cada um carrega, encontrar um lugar para ele, mas terá que ser novo, em nosso sentido, fazer dele *sinthoma*. Como ouvimos, foi o que Joyce fez com sua terra: ele não a jogou fora, ele fez de seu exílio uma existência, um acontecimento. Então, Joyce escreveu sobre sua cidade, mas sabendo bem que não era

sobre ela que ele estava falando, é uma espécie de Dublin inventada com os cacos daquela Dublin que o condicionou, que o marcou.

De que ponto o psicanalista pode falar sobre o exílio?

Chegarmos ao tema a partir dos poetas, como nos permitiu Ram, nos ajuda a ver que é preciso dar um jeito de encontrar um lugar para o lugar deixado para trás, senão é só dor, mas que este lugar terá que ser meio inventado. De todo modo, é deste lugar recriado e reintroduzido na vida que cada um deles fala do exílio. E o psicanalista?

É preciso interrogar de saída de qual lugar um psicanalista pode falar do exílio, ou dos exilados, ou dos deportados. Nos tempos de hoje, de desvalorização do saber, tende-se a dizer que só quem tiver passado pela experiência em questão pode falar dela. Então o analista teria que ter, no mínimo, vasta experiência com exilados. Mas, diríamos que existe o que podemos chamar de *condição estrutural do exílio*, que acabamos de sentir a partir da passagem de Lacan no *Seminário 20*, citada por Ram, que associa exílio e a inexistência da relação sexual. Haveria, assim, a possibilidade do analista falar sobre o exílio – o exílio, por exemplo, como a impossibilidade de uma relação perfeita, harmônica ou complementar sem resto, pois a experiência do inconsciente nos faz sentir nossa condição de exilados de nós mesmos.

Encontramos na nossa clínica essa condição desenraizada ou de exílio do próprio falante. Mesmo assim, uma ponderação: precisamos não esquecer que, quando falamos do ponto estrutural, nos referimos aos pontos conjunturais, concretos. Existem pessoas em situação dramática de exílio e existe o exílio dramático de todos nós, são coisas muito diferentes, e temos a necessidade de não perder isso de vista e pensar as situações de modo distinto.

É preciso estabelecer uma dialética entre a condição subjetiva, concreta e a condição estrutural. Não deixarmos de falar do exílio de cada um com relação ao Outro, ao encontro com o outro e, em um certo sentido, com relação ao próprio corpo, a si mesmo. Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que existem situações concretas de exílio, de segregação e exclusão que precisam ser pensadas também. Esse é uma premissa para o trabalho das Jornadas, por isso ela se distribuiu em três tempos, ou três momentos.

Um momento para discutir o território em sua relação com o corpo. Essas situações concretas da nossa cidade, do nosso país, do nosso tempo em que o mal-estar entre a identidade e o Outro, sua violência ou suas barreiras, se impõem e nos exilam de nosso território de maneira redobrada. Em um segundo tempo, como esses exílios se

apresentam promovendo sintomas – o que interessa para o analista é o campo do sintoma com relação às situações de exílio concretas ou mais estruturais. E, por último, o tema do que se faz com isso, digamos, do fazer com esse sintoma, que pode ser nossa proposta, analistas, em um plano mais diretamente político. Quero falar um pouco sobre cada uma dessas estações de nosso trânsito na cidade, como estamos chamando.

A condição do exílio

O que é a condição do exílio? Como falar sobre ela? Tendemos a entender que se trata de um *desterramento*, o corpo separado da terra, desenraizado, desamparado por essa razão. Para definir o exílio, bastaria assumir que nosso corpo está forçadamente fora do lugar a que ele pertence por natureza.

Quero acrescentar uma referência àquelas que trouxe Ram – referência trazida por Stella Jimenez para a discussão (lembrem que o título das Jornadas foi escolhido por – que é a de “Joyce, o Sintoma”¹, conferência de Lacan que está nos *Outros Escritos*. Não vou retomá-la, porque não teríamos o tempo de retomar com cuidado o que ela diz, mas destaco uma ou duas ideias.

Lacan vai indicar, nesta passagem, para começar, exatamente isso. Que costumamos tomar o homem pelo corpo, que é essa a maneira de tê-lo, capturá-lo. Por isso afirmam que a história se faz com os deslocamentos e aprisionamentos dos corpos. êxodos, deportações migrações. Etc. Lembra ainda que no avesso disso está o *habeas corpus*, que é justamente uma tentativa do direito de deixar a movimentação desse corpo ser própria do sujeito.

Nem uma, nem outra será para nós é a condição do exilado. Ele está entre cá e lá, como disse Ram, ele está em um movimento e não pode nem voltar de onde saiu e não consegue ir para onde se direcionou para chegar. Esse é o movimento do exílio, esse corpo em trânsito.

Em nossa cidade é fácil de ver, muita gente pega o ônibus de manhã e passa duas horas nele para chegar ao trabalho e leva duas horas para voltar para casa. É esse trânsito que caracteriza o exilado. Esse é o lugar do exilado, esse lugar do ônibus, onde às vezes acontece muita coisa.

Esse é o próprio ponto que Lacan traz. Ele distingue, conhecemos, o corpo que *se tem* e o corpo que *se é*. Segundo ele, é uma ilusão nossa, vinda de Aristóteles, pensar que

¹ Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 560-566.

somos um corpo, nós o temos. Essa é a ideia que Lacan traz nessa passagem: justamente porque temos um corpo é que o homem pode ser tomado pelo seu corpo – seu corpo é pego, e ele é preso. Assim são os deportados, os aprisionados, os segregados. Só que, como eles não são esses corpos, como eles só o têm, algo desses homens resta, sobra, que fica no ar.... fica em trânsito, mesmo quando ele está aprisionado. E vice-versa, mesmo quando ele estiver feliz no seu lugar, mesmo assim ele ainda vai estar um pouco em trânsito, dado o exílio estrutural.

Então, toda a questão para Lacan nessa passagem é como pensar e o que fazer com esse excedente de gozo que não se aprisiona quando se aprisiona o corpo e que nos dá esse sentimento de exílio. Há um exílio no que se refere à relação e há um exílio com relação à própria língua e ao próprio corpo. Se entendermos o corpo como isso que alguém pode pegar, esse que alguém passa a ter o corpo da outro. Ou seja, alguém pode ter o domínio sobre o meu corpo, eu posso ter o domínio sobre meu corpo, mas sobra algo, algo insiste. Lacan vai chamar esse ponto que nos interessa de sintoma.

O sintoma, link entre o “cá” e o “lá”

Já que não sou meu corpo, já que apenas tenho um corpo, para poder me apropriar dele, até para pensar que sou ele, preciso ter sintomas. Como ouvimos, o sintoma é um modo de relação, ou pelo menos, a forma de um encontro entre, digamos, o meu gozo singular e o meu gozo do dia a dia, ou entre a vida que carrego em meu corpo, sem lugar, e a vida que vive meu corpo no dia a dia, cheia de formas e lugares. Desde o começo, o sintoma é isso, uma formação de compromisso, uma junção de coisas, na definição primeira de Freud.

Então, o exilado, em sua condição em trânsito, produz sintomas. Pode também ser um sintoma. Não se pode ser um corpo, mas pode-se ser um sintoma. É isso o que Lacan vai dizer. Quando pegam seu corpo e você está no exílio, quando seu corpo está na sua terra, que não existe mais, e ainda não chegou na terra para onde vai, o que você tem? Seu sintoma, seu modo singular de gozar da vida. Você é uma espécie de sintoma, uma formação que vai trazer um link ou uma tentativa de link entre os dois lugares. Você vive em uma interlíngua bizarra, por exemplo, feita de um pouco da cada mundo.

Você também, até por isso, tende a ser sintoma do corpo social em que está. Você se torna uma espécie de objeto, é tomado pela cidade como um sintoma também. Você vira um objeto a ser expulso, a ser barrado, uma coisa estranha, um resto, eventualmente, invisibilizado. Pode-se, então, fazer de tudo, correr todos os riscos, porque não é

exatamente seu corpo que está em questão, mas seu movimento sintomático, de gozo em direção a algum lugar. O exílio se apresenta em sintomas. Ou, de outra maneira, como disse Ram, os sintomas dão forma ao exílio.

Nesse ponto, Lacan indica, sempre na mesma conferência, que podemos não apenas ser sintoma de um corpo social, quando não temos o corpo, quando o corpo está tomado, o que fazer com esse resto? Podemos ser sintoma do corpo de alguém. O que é ser sintoma do corpo do Outro? Essa é uma passagem difícil, mas dá para imaginar a experiência. O exemplo de Lacan é a histérica, que Laurent desenvolveu em uma conferência, sobre a histeria rígida. Lacan se reporta ao feminino, o feminino como gênero, que nossa cultura define de modo muito próximo ao que chamamos histeria. A histérica se dedica a ser sintoma de um homem. É alguém que tem corpo, mas que é bem mais viva e inteira sendo o sintoma de outro corpo, infernizando seu parceiro, ou deixando-o sempre insatisfeito, por exemplo.

O exilado pode ser lido também como sintoma da civilização. Parece evidente os migrantes como sintoma da Europa, por exemplo. Como diz A. Mbembe, os migrantes como aqueles que, ao quererem não exatamente entrar na Europa, mas atravessá-la, mostram como ela é atravessada pelas colônias, desde o início. Mbembe desdobra esse tema e mostra como é impossível para a Europa hoje começar o que quer que seja se havendo com seu passado e com seu presente necropolítico.

O fazer com o sintoma e a identidade

Terceiro tempo: o que fazer com esse sintoma? O sintoma já faz junção, mas o que podemos fazer com ele? O que a cultura propõe hoje é que se faça do sintoma identidade. Sou cearense no Rio? Então sou aquele que vai à feira de São Cristóvão todo sábado. Sou brasileiro em Paris, então sou aquele que samba e joga bola como ninguém.

Como fazer a experiência do exílio sustentar uma identidade, um corpo de outro modo, que inclua a fração singular do sintoma e não a faça desaparecer em uma classe sintomática? Como fazer com o sintoma para que ele sustente o corpo sem que seja preciso ao modo do corpo que se tem, aquele dado pelo Outro e que pode ser tomado, aprisionado, torturado?

Ram lembra a prisão de Caetano e nesse exemplo trata de que há uma decisão. Quiseram pegar o corpo – e pegaram, ele ficou preso –, ele decide então que vai para outro lugar. Nesse outro lugar, ele poderá não mais ser apenas o corpo que tinha, terá que ter outro, a relação com tudo muda, com a Bahia, com Santo Amaro, pode-se ficar

deprimido, como ficou Caetano, mas é a partir desse lugar em trânsito do gozo que poderá engendrar um novo sintoma.

Vocês veem que não estamos falando de sujeito, exatamente pela citação de Rammarcar que o lugar de sujeito talvez esteja lá, na Bahia. O lugar do sintoma é esse gozo que perturba seu lugar de sujeito, que está lá o tempo todo, mas, quando você vai para o exílio, ou você vai viver esse sintoma ou vai viver sem corpo. Ou ainda vai virar um corpo migrante, querendo ser rechaçado.

Como fazer com o sintoma, e não com o exílio, será a terceira estação das Jornadas. Precisamos pensar esse ponto a partir do passe, que é um *fazer com*. Espero que nossa convidada, Marina Recalde (EOL/AMP), possa falar sobre o corpo de *negra* que tinha, como nos contou nos seus testemunhos, desvalorizada, escrava de um trabalho infinito. Ela tinha também, um a mais de vitalidade que não cabia no corpo que davam para ela, por mais que ele ralasse, por isso tinha o sintoma de tremor. Ao final da análise ela terá um corpo de *vitalidade*, como ela chama depois, que é um novo modo de fazer laço, agora com a energia que tinha a serviço de um fazer que lhe dá um outro corpo, ou pelo menos um corpo menos aprisionado, exilado na negritude indígena anterior dela.

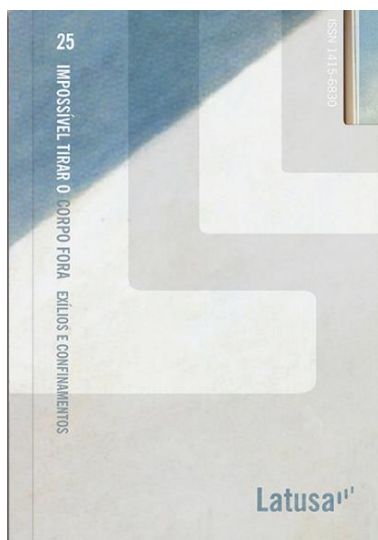
Para terminar pensei em uma poesia que Flávia Cera me indicou no trabalho com esse tema, de Ricardo Aleixo. Na verdade, não é uma poesia, ele lembra que o Arthur Bispo do Rosário tinha costurado no manto um dizer. Sabemos que ele birdava dizeres, textos – às vezes pegava notícias de jornal e copiava, sempre envolvendo sua montagem subjetiva. Uma das coisas que ele bordou em um dos mantos foi: “todo louco tem um morto que ele carrega nas costas, o louco só fica bom quando se livra do morto”.

Mudo um pouco os termos no sentido do que dissemos: *todo sintoma tem um corpo que ele carrega nas costas*. O corpo, aqui, é o corpo que se tem, sempre um pouco mortificado, pois é o corpo do Outro, o que ganhamos ao nascer e vai sendo moldado pelos cuidados dele. O sintoma só serve mesmo quando se livra desse corpo como corpo mortificado. O corpo da identidade dada pelo Outro, o corpo que foi enfiado na gente pela nossa vida.

Há algo desse fazer com o sintoma que permite que o corpo que carregamos não seja exatamente esse corpo morto. E Bispo do Rosário tem a intuição de marcar essa ideia. O louco é aquele que está carregando um corpo morto, ele fica bom quando fizer dessa loucura algo que desagüe na vida. É essa a ideia de *fazer com* o sintoma. Ao transtorno que é estar vivo o sintoma pode dar uma forma, que articula esse transtorno com o corpo que o Outro nos deu e faz uma reviravolta na identificação. É uma identificação paradoxal

porque um dos lados da junção em questão não tem forma. Lacan chamou de identificar-se com o sinthoma. Como fazer? Temos sempre que verificar, tentar, ver como dá, o importante é encontrarmos uma maneira de não carregar o corpo nas costas como corpo morto.

Era isso. Obrigado.



INSTITUTO DE CLÍNICA PSICANALÍTICA

O exílio e seus cantos

RAM MANDIL

Exílio e sintoma

MARCUS ANDRÉ VIEIRA

Exílios e o trabalho dos autistas com a língua

MARIA ANTUNES TAVARES